

15/7/79

A QUESTÃO DA CULTURA

A delegação moçambicana apresentou na Conferência dos escritores uma Comunicação subordinada ao título «A QUESTÃO DA CULTURA».

Pelo seu interesse didáctico e por abordar questões relacionadas com o papel do escritor e da literatura num país revolucionário, transcrevemos na íntegra esse documento



Nas fases iniciais da colonização o efeito dos mecanismos económicos e extra-económicos da exploração das riquezas naturais e da força de trabalho constituiu a principal frente de agressão à cultura dos povos no território moçambicano. Fundamentalmente, esses mecanismos foram, nessa altura, a introdução de novos circuitos mercantis, o tráfico de escravos, a aplicação de impostos e tributos coloniais, o trabalho forçado e a evangelização. Estes mecanismos não caracterizam ainda uma estratégia global de opressão e dominação. Esta surgirá a partir da ocupação efectiva do território e, em particular, com a fixação dos colonos, o estabelecimento da máquina administrativa, e o desenvolvimento duma burguesia colonial, a partir do início deste século.

A implantação e o desenvolvimento do colonial capitalismo foram acompanhados por um processo crescente e brutal de opressão e alienação cultural do nosso Povo.

Não se tratava para o colonialismo — como a sua propaganda garantia — de levar a «civilização» (entenda-se a cultura portuguesa) aos povos que dominava. Sendo este embora o pretexto, a questão central era a destruição das culturas dessas comunidades, ou seja, da sua capacidade de se identificarem como Povo.

Pretendia-se romper os laços do Povo com o seu passado, com a sua História — particularmente com a História da sua resistência à penetração colonial — estilhaçar a sua visão do mundo e da sociedade, privá-lo das formas de expressão que desenvolvera, desligá-lo até do seu espaço geográfico, amputando-o assim dos elementos que definiam a sua personalidade e impedindo que esses elementos dentro da lógica de desenvolvimento das sociedades se transformassem no cimento aglutinador da unidade nacional.

Assim se pode compreender que, enquanto reprimia brutalmente as expressões culturais do Po-



O poeta Rui Nogar dizendo um poema no Sarau Cultural

vo. a máquina de imposição dos modelos culturais da burguesia colonial era mediocrementemente eficiente fora das cidades e no exterior dos estratos sujeitos ao processo de assimilação.

Para a maioria esmagadora do Povo, a cultura imposta pelo colonizador identificava-se, por um lado, com a negação violenta da sua própria e, por outro, com o chicote e a palmatória, com o imposto e o trabalho forçado.

A primeira literatura escrita produzida em Moçambique é a do colonizador, com todas as características, na temática e na forma, da pior da que então se produzia em Portugal. A introdução nessas obras de alguns elementos de exotismo bebidos na observação superficial, quase sempre e desdenhosa da paisagem humana e física de Moçambique, não altera o carácter estrangeiro dessa má literatura.

A medida que aumenta a fixação de colonos em Moçambique e se processa a sua estratificação, nascendo uma burguesia colonial, a própria diferenciação interna no conjunto dos colonos vai impondo o aparecimento de uma literatura em que eles próprios figuram, com os seus problemas específicos. Por outro lado, esta literatura incumbe-se também de veicular os alibis morais da ocupação colonial, deturpando e mitificando as relações en-

tre colonizadores e colonizados e criando a ilusão de uma interacção cultural pacífica entre as duas partes numa contradição insanável.

É do estrato sujeito ao processo de assimilação e, em alguns casos, de descendentes de colonos, que começam a surgir aqui e além a princípio isolados, as primeiras vezes que, ainda confusamente, darão conta através da produção dos conflitos e tensões, injustiças e momentos de revolta que caracterizam a relação colonial.

São tentativas de expressão cultural nacionalista em que, não raro, se insinua já um velado ou hesitante apelo a uma resistência que, no Povo nunca cessou.

Normalmente poética, esta produção literária assume-se como um desafio ao colonizador, à sua arrogância e brutalidade. Recusando o processo de assimilação, o escritor não pode ainda romper com o universo imposto pelo colonialismo, que o cerca meticulosamente, mas procura afirmar na terra ocupada a personalidade própria do povo colonizado.

Esta afirmação é feita contra, mas em todo o caso endereçada ao colonizador. É um diálogo de ódio, que muitas vezes prossegue nas celas da prisão ou no processo do interrogatório policial, mas é ainda um diálogo.

Nele, as vozes dos nossos poetas prenunciam a afirmação autónoma duma dignidade que a luta reconquistará ao preconceito e aos complexos de inferioridade alimentados pelo colonialismo:

«Oh!
Meus belos e curtos cabelos crespos
e meus olhos negros.
E minha boca de lábios tímidos
cheios da bela virilidade ímpia de negro.
Oh! e meus dentes brancos de marfim
puros brilhando na minha negra reincarnada
[face altiva.】

Acompanhando o desenvolvimento do sentimento nacionalista, o escritor moçambicano afirma a terra ocupada como Pátria a construir:



ai proclamado livre
respirando sol e pó
dos mais antigos caminhos
ao deflagrarem canções
em asfaltos e capins
contra os olhos de medo
canções sangue de palavras
esquartejadas tensão
da carne reflexa entre
o golpe e a cicatriz
e os gritos e os partos
nossa memória comum
para um novo país.

O ascenso do movimento nacionalista levará à fundação da FRELIMO, em 1962. Em 1964 desencadeia-se a luta armada de libertação nacional.

Uma luta que assume um profundo conteúdo popular e que assenta na mobilização das largas massas não poderia desenvolver-se sem que nascesse e se fortalecesse constantemente a confiança do Povo nas suas próprias forças, na sua capacidade de vencer o inimigo. As massas populares adquirem então consciência de si próprias como força imensa e, nesse processo, redescobrem e catalizam poderosamente a sua personalidade, a sua identidade própria, a sua cultura.

Forma única de superar a contradição antagónica que opunha o Povo moçambicano ao colonialismo português, a luta armada iniciou o processo de destruição do colonialismo. Com o seu desenvolvimento também as concepções burguesas e o sistema capitalista aparecem cada vez mais claramente como obstáculos que é necessário eliminar.

Foi a construção de um novo tipo de vida nas zonas libertadas que estabeleceu, como necessidade objectiva, a ruptura total com o campo do inimigo.

Este processo, que é eminentemente cultural, reflecte-se poderosamente na poesia que nasce dos combatentes da FRELIMO. Poesia militante, poesia que brota da e manifesta o quotidiano da luta, fala da marcha longa, da emboscada, do morteiro, da bazuca, do sacudú. Mas que, simultaneamente, anuncia e exalta a certeza dum futuro definitivamente conquistado pelo Povo, um futuro que já se ia edificando nas zonas libertadas.

A característica fundamental desta poesia é a sua íntima ligação com a prática da luta em todas as frentes. Como afirmava em 1971, um texto do Departamento de Educação e Cultura da FRELIMO:



MO, introduzindo uma recolha de poemas de combatentes: «Há identificação absoluta entre a prática revolucionária e a sensibilidade do poeta. A poesia não fala de mitos, de coisas abstractas, mas fala da nossa vida de luta, das nossas esperanças e certezas, da nossa determinação, do nosso amor, dos nossos camaradas, da natureza do nosso País. E, quando o poeta escreve, «camaradas, avante», ele vai avante; quando ele se alegra de possuir uma espingarda, ele empunha-a realmente, tem nas mãos o calo da enxada e nos pés doloridos as longas marchas que fazemos».

E, como diria um poeta:

«E a ideia nova
camarada
como a semente
realiza-se na terra.

E não são milagres
de deuses e espíritos
o que acontece
apenas homens
pedra por pedra
levantando a represa
e na alegria da hora que se oferece
ecoam os cânticos da enxada.
Assim camarada cresce a revolução
revolucionários educando
futuros revolucionários
da guerra
nascendo o homem que vence a guerra
na cooperativa
gerando-se a indústria de amanhã
da FRELIMO
vindo as gerações
do socialismo construído».

O desenvolvimento da luta armada de libertação nacional projecta-se nas zonas controladas pelo colonialismo. Apesar da repressão que se intensifica, a poesia moçambicana produzida pelos militantes na clandestinidade e pelos patriotas trilha os caminhos duma poesia revolucionária que não pode ainda ser explícita quando publicada:

«Oh! Os Xicuembos a chamar a chamar



O Presidente Agostinho Neto cumprimentando o chefe da delegação moçambicana, escritor Luís Bernardo Honwana, na recepção oferecida pelos delegados à Conferência

nas facas de esmeraldas de milhos verticais
 [na terra
 Ah! o dia bom da colheita destes milhos
 [de amor
 é tédio vai começar e recomeçar nos
 [inumeráveis chicomos
 desalgodoando os algodões a mais
 [sofisticados
 de tractores que deviam estar e não estão.»



A literatura de ficção empenhada na afirmação da personalidade moçambicana é extremamente diminuta e pode resumir-se a três livros: «Godido e outros contos», publicado em 1952; o livro de contos «Nós matámos o cão tihoso», publicado em 1964; o romance «Portagem» publicado em 1966.

Contudo, é larga a produção ensaística, especialmente a que é editada pela Direcção da FRELIMO. Para além da orientação política, a palavra de ordem, da informação sobre a guerra, essas pequenas brochuras do DIP transmitem os passos fundamentais do processo de ruptura. Elas mostram que o universo político, ideológico, social e cultural imposto pelo colonizador não mais poderá oprimir o Povo moçambicano, que se afirma construindo o seu universo próprio, autónomo e radicalmente diverso do da sociedade colonial-capitalista. Não se trata de uma clivagem, de uma fratura no edifício colonial. Trata-se do nascimento duma sociedade nova que não pode irromper sem destruir totalmente a velha.

Proclamada a independência de Moçambique e a sua constituição em República Popular, o caudal represado da cultura popular irrompe com um vigor que manifesta e prova a impossibilidade de esmagar a cultura de um Povo. No entanto, é já, sob a influência do processo revolucionário que se esten-

de a todo o País uma cultura nova, aquela que diariamente se desenvolve, e não um regresso às origens tribais e feudais, incompatíveis com a construção da sociedade nova.

No campo literário, esta explosão manifesta-se ainda essencialmente na poesia. Muitas vezes jovens se fazem ouvir, a maior parte sem o domínio da ferramenta literária, muitos apenas emocionalmente sugestionados pela importância dos momentos históricos que temos vivido — manifestações que se poderão considerar episódica. Entre estas vozes revelaram-se valores capazes de vencer a sua inexperiência, melhorando o estilo, a técnica e o interesse temático.



Oferta de publicações editadas pelo INLD ao presidente da Direcção da União dos Escritores Angolanos, escritor António Jacinto, efectuada pelo poeta José Craveirinha

Por outro lado, alguns dos poetas, muitos poucos aliás, já consagrados pela publicação dispersa ou em livro durante o tempo colonial, vão dando publicação àquela produção que, por circunstâncias várias, ficou retida nas gavetas, acrescentada pela que realizaram depois da independência.

Nos novos livros de poesia e conto surge a preocupação de uma temática encontrada na realidade, nos anseios e na experiência de luta das classes trabalhadoras moçambicanas, na alegria vã das relações de novo tipo que se vão forjando na Pátria libertada.

Na ficção, há um prometedor surgimento dos jovens que descrevem, através do conto, a agonia

raivosa do colonialismo, situações de confronto na luta armada, com uma caricaturização do comportamento da tropa colonial, o heroísmo dos combatentes e a consciência e coragem de participação na luta das populações sob a ameaça da prisão, da tortura, da violação e do massacre.

O teatro foi no passado, com raríssimas excepções, um exclusivo da burguesia colonial. Actualmente ele aparece criado pelo Povo com espontaneidade, a propósito de qualquer acontecimento, muitas vezes improvisado e possuído de uma necessidade de crítica moralizadora que ainda assim não se dispensa da prática de um humor oportuno e agudo. O teatro escrito está igualmente a desenvolver-se, com um conteúdo de denúncia do colo-



O poeta Rui Nogar procedendo à oferta de obras e colecção de cartazes editados pelo INLD à UEA na pessoa do escritor Luandino Vieira

niaismo e do imperialismo e de combate dos valores negativos da tradição tribal-feudal.

Acompanhando a revitalização da cultura moçambicana, o livro desempenha um papel importante no nosso País. Hoje, em Moçambique, fazem-se edições de 20 e 30 mil exemplares, que rapidamente se esgotam. (No tempo colonial, uma edição de 3 mil exemplares constituía já um êxito assinalável.)

Como parte integrante e fundamental da cultura moçambicana, a literatura oral, feita de contos, fábulas, sagas e simples narrativas vai-se desenvolvendo e alterando consoante a evolução das condições sociais e das circunstâncias locais que influenciam a interpretação da realidade. Outra forma que devemos incluir na literatura oral são os provérbios, tão numerosos e de uma tal força crítica que para qualquer falha de comportamento se encontra um provérbio correctamente aplicável, segundo o código ético estabelecido.

É nossa preocupação que, num país em que o colonialismo deixou mais de 90 por cento de analfabetos, a tradição da literatura oral para além do seu valor intrínseco como forma cultural se mantenha, acompanhando a transformação política e social em curso, e as histórias continuem a contar-se lá, onde antigamente se contavam e ainda se contam, e sejam narradas também nas aldeias comunais, nas fábricas, nas escolas.

Os escritores moçambicanos encetaram os primeiros passos para se organizarem como força ao serviço da nova sociedade que estamos a construir. A escolha é clara e impõe-se porque o escritor moçambicano participa activamente na reconstrução nacional e sabe que para todos os trabalhadores — e ele é-o também, usando como ferramenta a palavra — a comparticipação por direito próprio no património universal exige como condição básica a realização e consolidação no nosso espaço político, económico e, sobretudo, cultural, da verdadeira independência.

O escritor engaja-se na Revolução, assume-se como militante, como parte integrante das classes trabalhadoras.

Entendemos que a literatura tem o seu lugar, o seu papel e a sua função na frente cultural do combate contra a burguesia, contra o capitalismo e o imperialismo, pela dignificação do Homem e da personalidade nacional, pela felicidade, pela Justiça, pela Solidariedade e pela Paz.